

“Hoje o futuro dos mercados tem muitas interrogações”

FILIPE S. FERNANDES

Há um conjunto de ingredientes que, combinados, podem trazer algumas dúvidas e algumas sombras sobre a economia. Somos um banco de nicho que tem como foco a gestão de ativos e por isso achamos que a maneira de nos mostrarmos deverá mais recatada, menos explícita, embora por razões óbvias tenha de existir”, afirmou Maria Cândida Rocha e Silva, presidente do Banco Carregosa. Fez uma citação de Miguel Torga: “Nenhuma árvore anuncia os seus frutos embora gostem de que lhos comam.” Segundo Maria Cândida, é uma frase que explica o posicionamento do Banco Carregosa e é uma maneira de se darem a conhecer, tendo salientado que o Jogo da Bolsa se está a tomar uma tradição e o Banco Carregosa, que não utiliza a publicidade normal para se dar a conhecer, se tem associado.

“Hoje o futuro dos mercados financeiros tem muitas interrogações”, considerou José Azevedo Rodrigues, vice-reitor da ISCTE--IUL, que também é administrador não executivo da CGD em fim de mandato. “Vivemos um período atípico porque passamos um período de muitas dificuldades, a CGD sendo o banco nacional, o banco de todos os portugueses superou dificuldades imensas do passado, hoje compara de forma favorável com a melhor banca europeia”. Deu como exemplo do indicador NPL que tinha duas casas decimais e que hoje se situa na ordem dos 2,8%.

Nova tempestade

“Houve um período de grande recuperação mas chegámos a um período de impasse, que é na prática o pós-covid-19. Os bancos têm grande liquidez que no contexto atual cria alguns problemas em termos de rentabilidade, embora tenha efeitos positivos sobre a segurança e a confiança dos seus depositantes. Depois, fruto do passado, há um outro fator que é comum à banca e ao sistema financeiro, sobretudo o que está sujeito a supervisão tem custos elevadíssimos. Numa situação de taxas de juro negativas criam-se alguns problemas e o futuro dos mercados financeiros é um tema atual no período pós-pandemia”, alertou José Azevedo Rodrigues.

“Se no passado tivemos uma pandemia que colocou bastante pressão na economia, nos mercados financeiros, começamos a ver sinais de uma outra tempestade com as dificuldades de abastecimento, falta de componentes, inflação, crise energética. Há um conjunto de ingredientes que, combinados, podem trazer algumas dúvidas e algumas sombras sobre a economia”, disse Diana Ramos, diretora do Jornal de Negócios. “Por isso não deixemos que essas sombras se instalem sem que olhemos para os seus efeitos e sem deixar de alertar os vários atores políticos, económicos e sociais para os seus efeitos”. ■

Hoje o futuro dos mercados financeiros tem muitas interrogações.

JOSÉ AZEVEDO RODRIGUES

Vice-reitor da ISCTE-IUL

Maria Cândida Rocha e Silva, presidente do Banco Carregosa. Duarte Roriz



Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.

“Hoje o futuro dos mercados tem muitas interrogações”

“Hoje o futuro dos mercados tem muitas interrogações”

Há um conjunto de ingredientes que, combinados, podem trazer algumas dúvidas e algumas sombras sobre a economia.

FILIPE S. FERNANDES

“S omos um banco de nicho que tem como foco a gestão de ativos e por isso achamos que a maneira de nos mostrarmos deverá mais recatada, menos explícita, embora por razões óbvias tenha de existir”, afirmou Maria Cândida Rocha e Silva, presidente do Banco Carregosa. Fez uma citação de Miguel Torga: “Nenhuma árvore anuncia os seus frutos embora gostem de que lhos comam.” Segundo Maria Cândida, é uma frase que explica o posicionamento do Banco Carregosa e é uma maneira de se darem a conhecer, tendo salientado que o Jogo da Bolsa se está a tornar uma tradição e o Banco Carregosa, que

não utiliza a publicidade normal para se dar a conhecer, se tem associado.

“Hoje o futuro dos mercados financeiros tem muitas interrogações”, considerou José Azevedo Rodrigues, vice-reitor da ISCTE-IUL, que também é administrador não executivo da CGD em fim de mandato. “Vivemos um período atípico porque passamos um período de muitas dificuldades, a CGD sendo o banco nacional, o banco de todos os portugueses superou dificuldades imensas do passado, hoje compara de forma favorável com a melhor banca europeia”. Deu como exemplo do indicador NPL que tinha duas casas decimais e que hoje se situa na ordem dos 2,8%.

Nova tempestade

“Houve um período de grande recuperação mas chegámos a um período de impasse, que é na prática o pós-covid-19. Os bancos têm grande liquidez que no contexto atual cria alguns problemas em



Maria Cândida Rocha e Silva, presidente do Banco Carregosa.

termos de rentabilidade, embora tenha efeitos positivos sobre a segurança e a confiança dos seus depositantes. Depois, fruto do passado, há um outro fator que é comum à banca e ao sistema financeiro, sobretudo o que está sujeito a supervisão tem custos elevadíssimos. Numa situação de taxas de juro negativas criam-se alguns problemas e o futuro dos merca-

dos financeiros é um tema atual no período pós-pandemia”, alertou José Azevedo Rodrigues.

“Se no passado tivemos uma pandemia que colocou bastante pressão na economia, nos mercados financeiros, começamos a ver sinais de uma outra tempestade com as dificuldades de abastecimento, falta de componentes, inflação, crise energética. Há um con-

31
51
16

“

Hoje o futuro dos mercados financeiros tem muitas interrogações.

JOSÉ AZEVEDO RODRIGUES
 Vice-reitor da ISCTE-IUL

junto de ingredientes que, combinados, podem trazer algumas dúvidas e algumas sombras sobre a economia”, disse Diana Ramos, diretora do Jornal de Negócios. “Por isso não deixemos que essas sombras se instalem sem que olhemos para os seus efeitos e sem deixar de alertar os vários atores políticos, económicos e sociais para os seus efeitos”. ■